



## FORMAÇÃO TERRITORIAL E IDENTIDADE: REFLEXÕES SOBRE A EMANCIPAÇÃO DO MUNICÍPIO DE SIRINHAÉM

Álvaro Gabriel dos Santos Pinho<sup>1</sup>  
Pós-Graduação em História (UNICAP)  
alvaro.2022608026@unicap.br

**RESUMO:** O estudo desenvolvido neste artigo científico parte da análise de algumas obras produzidas durante o Brasil Holândes e objetiva traçar um caminho de compreensão acerca da formação histórico-territorial-identitária do município de Sirinhaém. O método crítico-descritivo utilizado neste trabalho se deteve aos detalhes minuciosos e aos peculiares traços artísticos contidos nas obras estudadas. E ambos os aspectos se tornaram indispensáveis no percurso de apropriação do *modus operandi* que suscitou a evolução histórico-territorial da localidade. A respeito da formação identitária do município, este artigo buscará apresentar os fidedignos traços característicos e originais da região sul pernambucana.

**PALAVRAS-CHAVES:** Sirinhaém; Identidade; Território; Gravuras; Invasão Holandesa.

**ABSTRACT:** The study developed in this scientific article starts from the analysis of some works produced during Dutch Brazil and aims to trace a path of understanding about the historical-territorial-identity formation of the municipality of Sirinhaém. The critical-descriptive method used in this work focused on the meticulous details and the peculiar artistic traits contained in the studied works. And both aspects became indispensable in the course of appropriation of the *modus operandi* that gave rise to the historical-territorial evolution of the locality. Regarding the identity formation of the municipality, this article will seek to present the reliable characteristic and original traits of the southern region of Pernambuco.

**KEY-WORDS:** Sirinhaém; Identity; Territory; Engravings; Dutch invasion.

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP - Turma 6.2022; e-mail: alvaro.2022608026@unicap.br

## INTRODUÇÃO

Para quem se aventura ao extremo sul da cidade Maurícia<sup>2</sup>, no caminho das Alagoas, se descortina entre os verdejantes campos e as suaves colinas, uma cidadezinha. Encimada por algumas igrejas e preenchida por baixas casas, ela se equilibra esparsamente no topo dum morro, servindo de outeiro e bastião para os que ali moram. De lá se vê o mar, que sutilmente compõe o distante horizonte e o fino rio que seguindo até aquela imensidão dá nome e vida aquela localidade. Chamam-no de Sirinhaém, algo que em tupi significa "bacia de siris"<sup>3</sup>, ele tal qual as paragens ao seu redor, viram ao longo do tempo os primeiros humanos ali se assentarem e tantos outros por ali passarem. Esses, independente do tempo, seja nas carroças ou nos carros, percorreram um trajeto muito semelhante. Porém, o que os distanciava e os diferenciava eram os olhares, pois cada um visualizava a pacata cidadezinha com uma intenção, um desejo e uma perspectiva diferente. Foram esses olhares que ao longo das eras, deram forma aquela localidade, que construíram o imaginário daquela cidade em terras tão distantes para além daquele mar. É justamente ao esforço de localizar esses olhares que damos o nome de História e ao desafio de perscrutar essas perspectivas chamamos de Iconografia. Dessa forma, tal qual Sirinhaém se equilibra no dorso dos morros, este artigo se sustenta nos esforços supracitados e propõe-se a analisar as perspectivas históricas sobre a localidade a partir de quatro representações pictóricas<sup>4</sup>, tendo em vista como se formou o território e a identidade desta tão antiga cidade.

---

<sup>2</sup> Sirinhaém está localizada a 77 km do Recife, ao largo do Litoral

<sup>3</sup> In: ENCICLOPÉDIA dos municípios brasileiros. Rio de Janeiro: IBGE, 1958. v. 18. p. 285.

<sup>4</sup> Todas as quatro imagens desta parte foram tiradas do "Atlas of Mutual Heritage" ou Atlas da Herança Mútua que é um banco de dados contendo informações e imagens das áreas de atuação da VOC (Companhia Holandesa das Índias Orientais) e da WIC (Companhia Holandesa das Índias Ocidentais). As imagens apesar de envelhecidas se encontram em excelente estado de preservação, tendo sido digitalizadas de forma a permitir enxergar mínimos detalhes. O atlas é resultado da cooperação do Arquivo Nacional Holandês, da Agência do Patrimônio Cultural Holandês, da Real Biblioteca de Amsterdã e da Biblioteca Nacional Holandesa.

## ANÁLISE DA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DE SIRINHAÉM SEGUNDO AS OBRAS PRODUZIDAS DURANTE O BRASIL HOLANDÊS



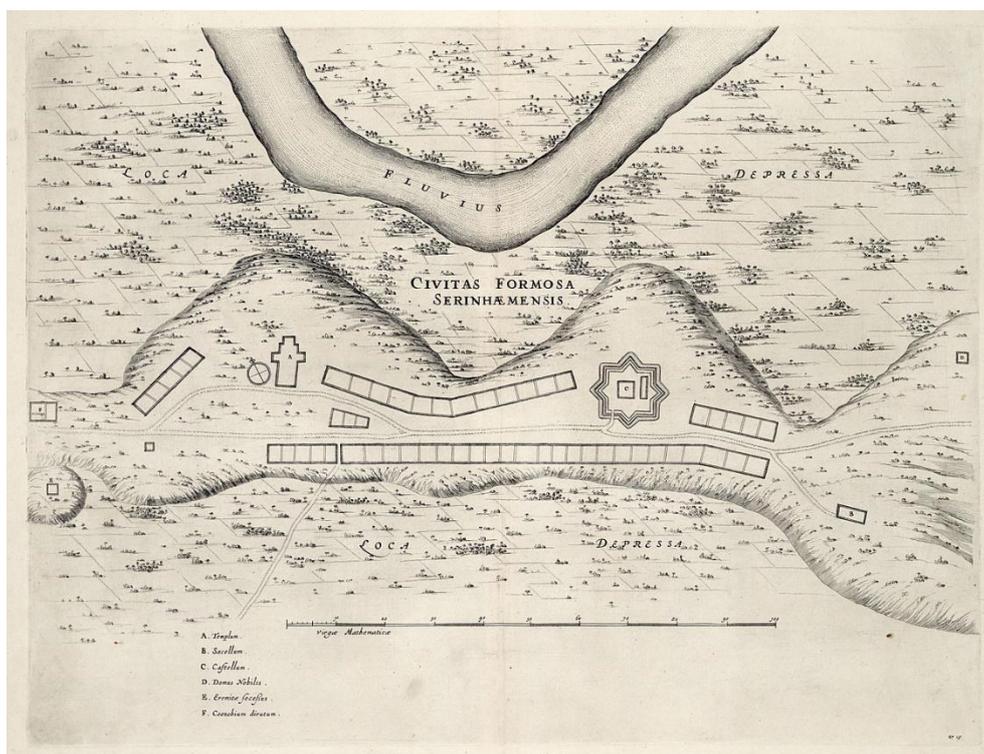
**Figura 1** - Gezicht op Serinhaim

FONTE: Barlaeus, Caspar, *Rerum per octennium in Brasilia* (1647)

"Gezicht op Serinhaim" (FIGURA 1) é provavelmente o primeiro panorama de que se tem registro da cidade<sup>5</sup>. A gravura de 1647 é de autoria do icônico pintor holandês Frans Post, que foi o primeiro artista europeu a pintar paisagens nas Américas. Post que era um dos integrantes das expedições científicas que circularam o Nordeste do Brasil, durante a Ocupação Holandesa, estabelece nesta gravura as bases para as vindouras representações da cidade de Sirinhaém. Em uma paisagem de traços sutis, ele dispõe os principais elementos da localidade que estão legendados em latim na parte inferior da gravura. Lá podemos ver as igrejas da vila assinaladas com a letra A, marcando a capela de São Roque (maior) que perdura até os dias atuais e uma pequena capela provavelmente

<sup>5</sup> Além de ser a mais icônica representação de Sirinhaém essa também é uma obra bastante reproduzida, temos conhecimento de três exemplares: esta acima, que está depositada no Atlas of Mutual Heritage; outra versão que consta no acervo da Brasileira Iconográfica e a gravura original que está exposta no Instituto Ricardo Brennand. Muito possivelmente essa é a primeira retratação de Sirinhaém pois não se tem registro de obra anterior a esta.

dedicada à Virgem Maria. Vemos na letra B o cenóbio, uma palavra arcaica que é sinônimo de convento. Já na letra C temos a "casa do governador", ou seja, o centro político e militar local. E, por fim, na letra D e E estão assinalados, respectivamente, uma das margens do rio e o principal meio de transporte na época, a carroça movida a tração animal. Essa objetividade na descrição era um aspecto da época, principalmente se considerarmos que a gravura de Frans fazia parte de um grande compêndio, o “Rerum per Octennium in Brasilia”, um livro editado por Gaspar Barléu em Amsterdã. A obra era uma espécie de síntese do governo de Maurício de Nassau que visava registrar toda a vasta colônia (BOXER, 1961), marcando as principais cidades e descrevendo os fatos que se sucederam à conquista.



**Figura 2** - Plattegrond van Serinhaim

FONTE: Barlaeus, Caspar, Rerum per octennium in Brasilia (1647)

A objetividade ganha contornos analíticos quando nos deparamos com "Plattegrond van Serinhaim" (FIGURA 2) ou na tradução livre "mapa de Sirinhaém". Nessa obra de autoria de Georg Marcgraf<sup>6</sup>, temos uma perspectiva de cima da localidade

<sup>6</sup> Georg Marcgraf, naturalista e astrônomo alemão, foi autor de "Historia Naturalis Brasiliae". Em 1637, foi nomeado astrônomo de uma expedição formada para navegar para o Brasil holandês. Depois, entrou a serviço do governador holandês do Brasil, Johan Maurits van Nassau-Siegen, cujo patrocínio lhe proporcionou o meio de explorar uma parte considerável do Brasil. Ele chegou

podendo observar o traçado da rua principal e a disposição de algumas estruturas. Esta obra também faz parte do “Rerum per Octennivm in Brasilia” e acaba se complementando com a gravura de Post. Aqui por exemplo, obtemos a informação na letra F que o cenóbio (convento) se encontra destruído, porém, se recorremos ao artigo da professora Ana Maria Moraes Guzzo, veremos que o convento foi abandonado ainda em construção, pois com a chegada dos holandeses e o advento da guerra, os frades franciscanos foram obrigados a interromper sua empreitada.

Também vemos escrito ao redor da cidade as inscrições "Loca depressa" ou "lugar deprimido" esses lugares são ambivalentes pois na mesma medida que são sujeitos a enchentes do "fluvius" (rio) também representam as terras mais férteis, onde se deu o plantio da cana de açúcar. Ao contrário da gravura de Frans Post, que aparentemente visava ilustrar o panorama da localidade, nesse mapa temos detectamos o intuito do autor de levantar para fins científicos e militares a geografia da localidade. Científicos pois Georg Marcgraf, era naturalista e astrônomo, interessado na botânica e na geografia do Brasil e militares pois como os holandeses ainda enfrentavam resistência nos interiores, ter um mapeamento do relevo e das guarnições era de muita utilidade no campo de batalha.



**Figura 3** - Gezicht op Serinhain  
FONTE: Atlas of Mutual Heritage.

---

ao Brasil no início de 1638 e realizou a primeira expedição zoológica, botânica e astronômica lá, explorando várias partes da colônia para estudar sua história natural e geografia.

Novamente nos deparamos com o termo "Gezicht" que seria algo como "Vista de"; nessa obra contemplamos o panorama que Johannes Vingboons teve de Sirinhaém por volta 1665 (FIGURA 3). Diferentemente das obras anteriores, essa possui duas peculiaridades: é a única colorida já que se trata de uma aquarela e justamente por isso não trás inscrições em seu corpo. Esse último fato, apesar de num primeiro momento aparentar ser uma lacuna, muito mais nos fala do que qualquer texto, isso porque, se analisarmos o contexto de produção da obra, veremos que ela está inserida num período conhecido como "Século de Ouro dos Países Baixos". Essa época, que também abrange as outras figuras aqui analisadas, foi um momento, segundo o historiador da arte Ernst Gombrich (, de expressiva produção artística que se aliava ao constante crescimento econômico que a Holanda passava. A aquarela nos revela um apreço as paisagens, visto que, por causa do Calvinismo que proibia imagens em igrejas, os artistas se concentraram em paisagens do campo, da cidade e do mar, cenas da vida rural e naturezas-mortas. É justamente essa tendência que a obra traz consigo.

Vingboons claramente prioriza as formas suaves e expande o panorama feito por Frans Post, ele está bem mais interessado em transmitir o ar pastoril daquelas paragens, do que em registrar e catalogar um lugar. Sua aquarela se comunica com uma série de outras obras, que sempre se utilizando de ricas cores, transportam o observador para um tempo e lugar idílico. Esse aspecto era bastante celebrado pelos contemporâneos de Vingboons<sup>7</sup>, já que grande parte do público era curioso das terras recém adicionadas as possessões ultramarinas dos Países Baixos, mas sobre a 'curiosidade' a próxima obra nos fala mais.

---

<sup>7</sup> De cerca de 1644 até sua morte em 1670, Johannes foi empregado como cartógrafo e aquarista pela editora de Joan Blaeu, em Amsterdã . Ao combinar seu artesanato como cartógrafo com suas qualidades artísticas como aquarelista, ele foi capaz de se concentrar cada vez mais na produção de aquarelas de áreas exóticas. Ele baseou isso em instruções e esboços de situação que capitães, timoneiros e comerciantes levaram com eles de suas viagens em nome da VOC e WIC. Ele fez paisagens urbanas, mapas, perfis costeiros e mapas do mar e combinou partes destes em uma série única de desenhos que dá uma imagem de grande parte do mundo então conhecido que era importante para a posição comercial holandesa. O trabalho de Vingboons era único e já era um item de colecionador popular para indivíduos ricos em seu tempo. O maior número, uma série de 130 aquarelas ligadas a três atlas, foi comprado pela Rainha Christina da Suécia em 1654. Após sua morte, esses atlas entraram na posse do Papa Alexandre VIII, de modo que eles estão agora na biblioteca do Vaticano.



**Figura 4** - Gezicht op Serinhaim (de Jacob van Meurs)  
 FONTE: Atlas of Mutual Heritage.

A obra de Jacob van Meurs de 1671 além de ser a mais tardia produzida é a que mais evidencia uma intencionalidade. Segundo Michael Baxandall em "Olhar Renascente" (1991), o pilar fundamental das artes durante a renascença italiana era a relação pintor - mecena, pois a demanda era ditada pelas ricas famílias das Cidades-Estados italianas. Porém, se deslocando rumo ao norte, atravessando os Alpes e chegando nos Países Baixos, essa relação se altera drasticamente, ali com a vanguarda do capitalismo o sistema de guildas e mecenas começava a se desfazer, o público burguês tinha mais voz na construção da demanda e agora o interesse não se restringia apenas a algumas poucas famílias, mas sim a toda uma classe que incorporava a ideia de nação, dessa forma o eixo se torna: pintor - nação.

E esse sentido de nacionalidade é reforçado quando observamos que Post e Marcgraf estavam a serviço do estado holandês sob comando Nassau e que Vingboons serviu não somente a WIC (Companhia das Índias Ocidentais), mas, despertou o interesse do público que se deixou capturar pelas paisagens de terras tão distantes. Toda essa conjuntura encontra sua síntese na figura de van Meurs, pois ele é um conhecido editor holandês, livreiro e gravador. Ao contrário de alguns de seus conterrâneos, Meurs nunca pisou em solo sirinhaense, seu trabalho se dava nas gráficas e o panorama que o permitia

gravurar eram os relatos dos viajantes e seus escritos. Como editor, ele se aproximou de muitos viajantes e publicou diversas obras sobre a China, Japão, África e as Américas. É por causa disso que sua gravura é mais narrativa e cheia de elementos; o foco aqui é enredar para o público aquelas longínquas terras.

Ao observarmos a obra é impossível não nos perguntarmos o que cada personagem está por fazer; quem se aproxima na liteira tão fortemente guardada? Qual será a conversa reservada que os homens atrás da igreja estão tendo? Por que as três figuras no centro da gravura estão ajoelhadas perante a Cruz? São penitentes ou fiéis a enterrar um conhecido? O que os lanceiros conversam? Estão a preparar um ataque? Todas essas questões se interpõem de maneira a dar uma vida narrativa à imagem. Jacob van Meurs exemplifica aqui algo que Walter Benjamin em "Magia Técnica, Arte e Política" conceitualiza como "aura", isto é, a singularidade da figura, composta de elementos temporais e espaciais: "a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja" (BENJAMIN, 1987). A gravura lança uma aura sob Sirinhaém, condensa elementos das figuras anteriores e os arranja numa composição única.

Portanto, podemos constatar que essas quatro imagens apresentam quatro perspectivas diversas de Sirinhaém, elas também têm funcionalidades específicas, usos próprios. O panorama de Frans Post nos apresenta a Sirinhaém quase como um cartão de visitas, mostra de maneira simples seus arredores e nos situa as disposições de alguns lugares. Já o mapa de Georg Marcgraf nos situa incisivamente, quase como um raio x, do traçado básico das casas e da localização das principais estruturas. Algo que Vingboons transmuta artisticamente para ressaltar muito mais a beleza em detrimento da informação ou localização. Por fim, Jacob van Meurs, realiza uma amálgama e concebe uma gravura que é um convite à imaginação.

## CONCLUSÃO

Esse ponto nos leva a esquadrihar que por trás do "tema primário, ou original" que é a forma por si (no caso as representações de Sirinhaém) há o "significado intrínseco", que como nos aponta Erwin Panofsky, são os "princípios subjacentes que revelam a atitude básica de uma nação, de um período, classe social, crença religiosa ou filosófica - qualificados por uma personalidade e condensados numa obra." (PANOFSKY, 2017, pág. 52). Sendo assim, ao estudarmos essas imagens não temos apenas um recorte de como Sirinhaém era naquele momento histórico, mas obtemos

também uma noção da mentalidade e da arte holandesa no século XVII. Essa mentalidade muito estava associada a um esplendor civilizacional tal como ocorreu no Renascimento Italiano, em que arte não apenas era uma consequência mas parte ativa do andamento da civilização (HUBERMAN, 2013).

A iconografia produzida sobre Sirinhaém nesse período servia a um projeto de franca expansão colonial, sob a vanguarda da WIC os Países Baixos tentavam correr atrás do "atraso" e garantir um império além-mar para chamar de seu, como nos aponta John Darwin no excelente "Ascensão e Queda dos Impérios Globais". É nessa toada que podemos inferir que a produção sobre Sirinhaém tem um sentido de "expor perante as massas" (BENJAMIN, 2012) a nova possessão colonial. As imagens servem tanto para o comandante que planejou o ataque como para o acionista da Companhia que investiu seu capital, para o comerciante que procura uma matéria prima ou para o nobre que é curioso da geografia ou da botânica daquele peculiar e distante lugar. A arte se configura como um valoroso canal de comunicação da história da construção identitária.

## REFERÊNCIAS

ALBERTIN, Petronella J. Arte e ciência no Brasil holandês "Theatri Rerum Naturalium Brasiliae": um estudo dos desenhos. **Revista Brasileira de Zoologia** [online]. 1986, v. 3, n. 5, pp. 249-326. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-81751986000100001>>.

BARLÉU, Gaspar. **História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil e noutras partes sob o governo do ilustríssimo João Maurício Conde de Nassau** Erc., ora Governador de Wesel, Tenente-General de Cavalaria das Províncias Unidas sob o Príncipe de Orange. Tradução e anotações de Cláudio Brandão. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Ministério da Educação, 1940.

BAXANDALL, Michael. **O olhar renascente: pintura e experiência social na Itália da Renascença**. Tradução de Maria Cecília Preto da Rocha de Almeida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

BENJAMIN, Walter. **Magia Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Braziliense, 1987.

BOXER, Charles Ralph. **Os holandeses no Brasil (1624-1654)**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.

CARVALHO, Alfredo. Os Brazões d'Armas do Brasil Hollandez. **Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano**. 1904. v. 11, páginas 574-589. (n. 60-64)  
Disponível em:  
<[https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/01/Revista\\_do\\_Instituto\\_Archeologico\\_e\\_Geographico\\_Pernambucano%2C\\_Tomo\\_XI\\_%281904%29.pdf](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/01/Revista_do_Instituto_Archeologico_e_Geographico_Pernambucano%2C_Tomo_XI_%281904%29.pdf)>.

DARWIN, John. **Ascensão e Queda dos Impérios Globais: 1400-2000**. Lisboa: Edições 70, 2015.

DESCENDRE, Romain. **A politização do mundo**. Campinas, SP: Unicamp, 2015.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

DOS SANTOS, Christian Fausto; DE LIMA, Priscila Rubiana; DA SILVA CAMPOS, Rafael Dias. **A Natureza Do Brasil Holandês: Piso, Marcgrave e uma História Natural do Brasil Ilustrada**. 2010. Disponível em:  
<[https://www.researchgate.net/publication/232708161\\_A\\_Natureza\\_do\\_Brasil\\_Holandes\\_Piso\\_Marcgrave\\_e\\_uma\\_Historia\\_Natural\\_do\\_Brasil\\_Ilustrada/link/0912f508c4a4e5686b000000/download](https://www.researchgate.net/publication/232708161_A_Natureza_do_Brasil_Holandes_Piso_Marcgrave_e_uma_Historia_Natural_do_Brasil_Ilustrada/link/0912f508c4a4e5686b000000/download)>.

GALINDO, M. (org). **Viver e Morrer no Brasil holandês**. Recife. Editora Massagana. 2005.

GOMBRICH, Ernst Hans. **A História da arte**. 16 ed. Rio De Janeiro: Editora LTC - Livros Técnicos e Científicos, 2015.

GUZZO, Ana Maria. **O ÔNUS E O BÔNUS DO PROCESSO DE PRESERVAÇÃO NO BRASIL**. 6º Conferência sobre patologia e reabilitação de edifícios. 2018.  
Disponível em: <<https://www.nppg.org.br/patorreb/files/artigos/80696.pdf>>.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

PARDO, Alejandro Bañón. **Rampjaar 1672**: el ocaso de los Países Bajos. XVII.ES - Historia y Arte [online]. 2022. Disponível em: <<https://xvii.es/rampjaar-1672-el-ocaso-de-los-paises-bajos/>>.

SOUZA, Jorge Victor de Araújo e SANTOS, Luis Henrique Souza dos. **A eloquência dos frontispícios**: discurso político sobre a presença holandesa em Pernambuco. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material [online]. 2020, v. 28, e16. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-02672020v28e16>>.

THÉRY, Hervé. Heráldica e geografia. **Revista Mercator de Geografia da UFC**, v. 12, n. 29, p. 7-22, 2013. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/2736/273629350002.pdf>>.